

OPERAÇÃO MINCEMEAT

Por Reinaldo V. Theodoro



Cena do filme “O Homem Que Nunca Existiu”, de 1956. O próprio Ewen Montagu, responsável pelo plano, faz uma “pontinha” no filme.

A Operação Mincemeat (carne moída) foi um plano extremamente imaginativo, admiravelmente metódico e absolutamente bizarro criado e levado a efeito por um pequeno grupo de oficiais da Inteligência Britânica na 2ª Guerra Mundial. Seu objetivo era convencer o Alto Comando alemão, através de documentos falsos deliberadamente “vazados”, que uma invasão aliada no Sul da Europa, através da Grécia, seria realizada em meados de 1943. Extremamente bem-sucedida, “Mincemeat” fez com que os alemães transferissem uma quantidade significativa de tropas, canhões, blindados e outros meios bélicos de vários locais para reforçar as suas defesas na Grécia, Sardenha e Córsega. Ao aceitar o logro, os germânicos permitiram uma completa vitória aliada na invasão da Sicília, o real alvo das operações aliadas no Mediterrâneo em meados de 1943. O sucesso de Mincemeat foi garantido por um macabro elemento fundamental do plano: os documentos estavam em uma pasta atada a um cadáver.

O Problema

No início de 1943, os aliados já estavam firmemente estabelecidos no Norte da África. Enquanto prosseguia a campanha da Tunísia, planos estavam sendo preparados para a invasão do Sul da Europa e, para ambos os lados do conflito, era óbvio que o primeiro objetivo seria a Sicília. Uma rápida olhada no mapa do Mediterrâneo basta para observar a posição dominante da ilha. A sua posse pelo Eixo era equivalente a ter um gigantesco porta-aviões e base naval numa posição ideal para

prejudicar o tráfego marítimo de Gibraltar a Suez. A posse da ilha colocaria os aliados de volta à Europa, abalaria a posição da Itália (que de fato viria a se render com a perda da ilha) e daria aos aliados diversas bases navais e aéreas. Além disso, se os aliados a ignorassem e desembarcassem na Sardenha, por exemplo, a ilha representaria uma grave ameaça para as comunicações aliadas. Assim, na Conferência de Casablanca, em janeiro de 1943, os planejadores aliados concordaram que o próximo alvo seria a Sicília – codinome Operação Husky – que deveria ser invadida o mais tardar em julho.

Os alemães já estavam se preparando para o próximo passo aliado. O que os anglo-americanos precisavam fazer era convencer os alemães a remover algumas forças da Sicília para que a invasão pudesse ser bem-sucedida.



Mediterrâneo Central. Assinaladas estão, da esquerda para a direita: Córsega, Sardenha, Sicília, Calábria e Grécia.

Preliminares

A ideia de usar um cadáver como agente para transmitir informações falsas teve suas raízes em um livro de ficção. Em 1937, Basil Thomson escreveu um livro intitulado "The Milliner's Hat Mystery", no qual um homem morto é descoberto com uma identidade falsa, graças a muitos papéis e documentos falsos encontrados com ele. O livro não vendeu muito bem na época, mas foi lido avidamente por um oficial da Marinha Real britânica que por acaso amava a série, o Tenente-Comandante Ian Fleming¹.

Fleming foi responsável pela elaboração de um memorando secreto logo depois que a guerra foi declarada em setembro de 1939. O memorando (que ficaria conhecido como o "memorando da truta") listava cinquenta e uma ideias que poderiam ser executadas contra os alemães, usando logros, informações falsas e assim por diante. A ideia número 28, conforme Fleming escreveu, seria uma sugestão tirada do livro de Basil Thomson: um cadáver vestido de aviador, com despachos nos bolsos, poderia ser jogado na costa, supostamente com um paraquedas que havia falhado.

O Almirante John Godfrey, o Diretor de Inteligência Naval e chefe imediato de Fleming, aprovou e encaminhando o memorando para providências posteriores.

Montando o plano

O Tenente-Comandante Ewen E. S. Montagu (da RNVR²) e o Líder de Esquadrão Charles C. Cholmondeley (da RAF) trabalhavam na Divisão de Inteligência, no chamado XX Comitê, e sabiam dos planos da Sicília. Também sabiam que a invasão poderia falhar se as reservas alemãs não fossem removidas da ilha, mesmo que parcialmente. Pensando no "memorando da truta", Cholmondeley sugeriu usar um cadáver com um rádio, mas este plano foi abandonado como inviável. Mas a ideia do cadáver permaneceu e Montagu adotou com um plano mais ousado: a ideia do rádio foi substituída por documentos e o cadáver deveria ser despejado no mar, com a identidade de um oficial britânico que teria sido vítima de um acidente de avião. O cadáver estaria perto o suficiente para ser recuperado e levado para um país neutro, mas que era conhecido por abrigar espões alemães – o plano era que os documentos fossem abertos e lidos pelas pessoas certas.

A Espanha foi escolhida como o local de resgate

do corpo. Era uma escolha óbvia: embora neutra durante a guerra, a Espanha tinha como dirigente um ditador pró-nazista, Francisco Franco (Hitler havia dado uma grande contribuição para a vitória de Franco na Guerra Civil Espanhola). Além disso, sua costa atlântica, entre Gibraltar, controlada pelos britânicos, e a fronteira portuguesa, tinha cidades que fervilhavam de espões alemães.



Ewen Edward Samuel Montagu (19/03/1901-19/07/1985) e Charles Christopher Cholmondeley (27/01/1917-15/06/1982), os arquitetos da Operação Mincemeat.

Foram estudados diversos meios de transporte para o corpo (submarino, hidroavião ou navio de superfície). Após muita discussão, decidiu-se pelo uso de um submarino, que apresentava mais vantagens. Um submarino poderia chegar perto da costa, colocar o cadáver na água à noite e partir sem ser detectado. O corpo seria levado à costa pelas correntes e pelo vento sudoeste dentro de poucas horas.

O local escolhido foi junto à costa em Huelva, pois temia-se que um ponto mais ao Sul acabasse fazendo o corpo parar em Gibraltar, o que, além de destruir a operação, acabaria atraindo uma curiosidade indesejada.

Após muita discussão de alto nível, o plano foi levado à sanção do Primeiro-Ministro Winston Churchill. Ao ser informado de que havia o risco de revelar a Sicília, caso o plano fracassasse, ele respondeu: "Não acho que isto tenha importância. Com exceção dos idiotas, todos sabem que o objetivo é a Sicília". Alertado de que havia vários aspectos que poderiam dar errado, incluindo que os espanhóis poderiam devolver o cadáver aos britânicos, sem os documentos terem sido lidos. Churchill respondeu que "nesse caso teremos de recuperar o corpo e colocá-lo de novo para nadar". Churchill deu a sua aprovação à operação, mas delegou a decisão final ao General Dwight David

¹ Ian Lancaster Fleming (28/05/1908-12/08/1964) foi um militar, escritor e jornalista britânico mais conhecido por ser o criador do personagem James Bond, o 007.

² Royal Naval Volunteer Reserve = Real Reserva Naval de Voluntários, formada por pessoas sem experiência no mar, diferindo da RNR (Royal Naval Reserve = Real Reserva Naval), formada por marinheiros na vida civil).

Eisenhower, o comandante militar geral no Mediterrâneo. Um telegrama criptografado foi enviado para ele na Argélia solicitando a confirmação final, que foi recebida a 17/04/1943.

O “Major Martin”

O passo seguinte foi o de criar uma identidade para o morto. Inicialmente, cogitaram usar um oficial do Exército ou da Marinha, porém, optou-se por torná-lo um major dos Royal Marines. No entanto, havia um problema no fato de que os Royal Marines eram, mesmo em tempo de guerra, um grupo relativamente pequeno e cujos membros eram muito chegados. Decidiu-se escolher o nome mais comum que houvesse nas fileiras do Royal Marines, na esperança de que ninguém pudesse conhecer todos eles. Assim, a notícia da morte de um deles não poderia ser facilmente questionada por ninguém. O nome selecionado por esse critério foi William Martin.

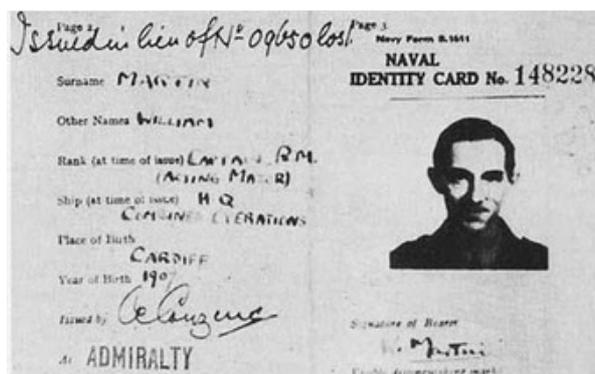
Tendo já um nome e um posto, a equipe de Montagu precisava trabalhar melhor a identidade do “Major Martin”, tornando-o uma pessoa real. Para isso, lhe arranjaram uma noiva (apelidada de “Pam”), um pai rigoroso, uma dívida no banco e até a compra de um anel de noivado.



“Pam”, a famosa foto da “noiva” do “Major Martin”. Na verdade, trata-se de uma funcionária do MI5, Nancy Jean Leslie (20/11/1923-03/04/2012).

A relação completa de todos os itens que ele levaria é bastante elucidativa do grau de perfeição que se almejava: duas plaquetas de identificação (gravadas “Major W. Martin, FN, Res”); cruz numa corrente, ambos de prata, no pescoço; relógio de pulso; carteira pessoal contendo: fotografia da noiva, bloco de selos postais (faltando dois), duas cartas da noiva (escritas por uma mulher da equipe de Montagu), medalha de São Cristóvão (a ideia aqui era induzir os espanhóis – profundamente católicos – a tratar com mais respeito o corpo de outro católico e não se aprofundarem demais na necrópsia), convite para um clube noturno, passe

para o Quartel-General das Operações Combinadas (deliberadamente vencido), carteira de identidade do Almirantado, uma nota de £ 5, três notas de £ 1, uma moeda de meia coroa, uma moeda de dois shillings, duas moedas de seis pence, quatro pennies, carta do pai, carta de McKenna & Co (o advogado que tratava de seu testamento), carta do pai para McKenna & Co, carta de Ernest Jones Whitley, gerente geral do Lloyds Bank (cobrando uma dívida de quase £ 80), recibo do Clube Naval e Militar, nota da alfaiataria Gieves, nota de compra do anel de noivado da joalheria S. J. Phillips, dois bilhetes de passagem de ônibus, dois ingressos do Teatro Prince of Wales de 22/04/1943, uma caixa de fósforos, maço de cigarros, molho de chaves e um toco de lápis. Para reforçar o lado descuidado da personalidade de Martin e para evitar que os cartões e passes necessários parecessem muito novos para um oficial de longa data, eles foram emitidos como substitutos recentes dos originais perdidos (o novo cartão de identidade encontrava-se registrado como em lugar do N° 09650 perdido – na verdade, este era o número da identidade real de Montagu). Montagu passou as semanas seguintes andando com os três cartões nos bolsos das calças para dar um aspecto de desgaste a eles. Ele alegou que escolheu aleatoriamente Cardiff (no País de Gales) como local de nascimento do “Major Martin” informado no seu cartão de identificação.



A identidade do “Major Martin”. Observe a inscrição “Issued in lieu of N° 09650 lost” no canto superior esquerdo.

As datas dos bilhetes de teatro, das contas e das cartas foram cuidadosamente sincronizadas com a suposta partida da Inglaterra, que seria no dia 24/04/1943.

A equipe encontrou uma pessoa viva cuja aparência era muito semelhante à do morto. Tratava-se do funcionário do MI5 Ronnie Reed, que, como Montagu mais tarde lembrou, “poderia ter sido o irmão gêmeo do morto”.

Um problema encarado pela equipe de Montagu era quanto à pasta de documentos ser encontrada

junto com o corpo. Temia-se que ela se perdesse se fosse simplesmente posta a flutuar junto com o corpo ou se fosse colocada em sua mão em rigidez cadavérica. Foi decidido então que ele usaria uma corrente forrada com couro como a usada pelos mensageiros de bancos e joalherias para evitar assaltos. No entanto, mensageiros militares nunca usavam tal coisa, mas Montagu assumiu o risco, esperando que os alemães não soubessem disso.



Alguns dos itens que o “Major Martin” levaria consigo. Em primeiro plano, a corrente forrada que causou preocupações a Montagu.

Logo após o lançamento da Operação Mincemeat, a equipe de Montagu percebeu que havia cometido um erro tosco. A carta falsa e datada do “pai” do “Major Martin” havia sido escrita à mão no papel de carta de um hotel galês, o Black Lion. No entanto, se alguém verificasse os registros do hotel, constataria que nenhum J. G. Martin estava hospedado lá na noite de 13/04/1943 (data da carta). Rapidamente, Cholmondeley foi ao hotel em Mold e forjou uma assinatura e um endereço do “pai”, mas o fez de forma a tornar o problema ainda pior. O registro indicava que ele havia chegado ao hotel no dia 09/04/1943 e feito o checkout no dia 20, a tempo do pretense encontro com o filho em Londres. Mas um exame mais atento revelaria que o nome e a assinatura de J. G. Martin não apareciam na sequência de datas correta, mas foram adicionados no espaço na parte inferior da página. Foi claramente uma providência tardia, escrita algum tempo depois, e que não enganaria nem um espião amador. Longe de encobrir o erro, Cholmondeley o havia agravado.

Se os alemães tivessem feito qualquer verificação

da estória do “Major Martin”, isso quase certamente teria sido detectado.

Os Documentos Secretos

O Comitê XX decidiu que para se convencer os alemães de que a invasão aliada não iria ocorrer na Sicília, os documentos teriam de mencionar que os aliados invadiriam primeiro a Sardenha. Decidiu-se mencionar também os planos para o desembarque das tropas aliadas nas proximidades de Kalamata, na Grécia.

Os planos para a suposta invasão seriam mencionados numa carta pessoal de um alto oficial para outro alto oficial aliado. Montagu decidiu que a carta deveria ser escrita pelo General Sir Archibald Edward Nye, Vice-Chefe do Estado-Maior Geral, ao General Sir Harold Rupert Leofric George Alexander, Comandante do 18º Grupo de Exércitos na África do Norte. Na carta, Nye mencionava várias questões “delicadas”, incluindo a (indesejável) concessão da medalha americana “Purple Heart” às tropas britânicas e a nomeação de um novo comandante da Brigada de Guardas britânica. Essas “fococas” justificariam por que a carta não foi enviada pelos canais de comunicação normais. Também explicava a razão do pedido de Eisenhower para a operação de cobertura centrada nas ilhas gregas ter sido negada.

A carta teria dois objetivos: um deles era o de sugerir que seriam lançadas duas operações no Mediterrâneo, uma a Leste e outra a Oeste. Também servia para identificar a Sicília como uma operação de cobertura de uma verdadeira operação a Oeste. Isso fazia com que a Sardenha fosse o objetivo a Oeste e a Grécia fosse o alvo a Leste.

Para corroborar a carta de Nye, o “Major Martin” também levava uma segunda carta, esta do Lorde Louis Francis Albert Victor Nicholas Mountbatten, chefe das Operações Combinadas, para o Almirante Andrew Browne Cunningham, o Comandante em chefe da Frota do Mediterrâneo e comandante naval aliado naquele teatro. A carta justificava a viagem do “Major Martin” no papel de um especialista em operações anfíbias emprestado por Mountbatten para o planejamento das operações no Mediterrâneo. Para realçar a importância de Martin, Mountbatten menciona que o major havia acertado nos seus pontos de vista a respeito do fracassado ataque a Dieppe, realizada em agosto do ano anterior. Essa seria uma admissão pelos britânicos de que o ataque a Dieppe havia sido um fracasso, o que certamente agradaria aos alemães. Além disso, a carta de Mountbatten continha também um comentário jocoso: “Deixe-me tê-lo (Martin) de volta, por favor, assim que o ataque acabar. Ele pode trazer algumas sardinhas com

ele; elas estão “na moda” por aqui.” Esse comentário era um óbvio trocadilho. A palavra sardinha (*sardine* em inglês) foi incluída na carta para induzir os alemães a acreditarem que se tratava de uma referência à Sardenha (em inglês, *Sardinia*). Tal jogo de palavras era uma isca que, assim esperava Montagu, os alemães não iriam resistir em não morder. Um único cílio preto foi colocado dentro dessa carta para servir de comprovante de que a carta havia ou não sido aberta.

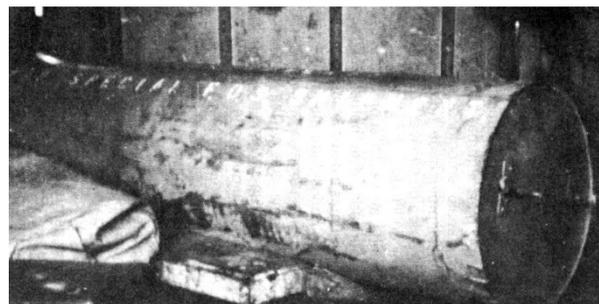
Havia ainda uma carta dirigida ao próprio Eisenhower, mas que nada tinha a ver com o plano de dissimulação. Mountbatten estaria mandando dois panfletos e amostras de fotos para serem analisadas por Eisenhower para uma publicação das forças armadas. Também pedia a ele que fizesse o prefácio da brochura. Isso se destinava apenas a justificar o emprego de uma pasta, o que não seria justificado para o transporte de apenas duas simples cartas.

O Corpo

No final das contas, o sucesso da Operação Mince meat dependia da obtenção de um cadáver genuíno e crível. Consultando Sir Bernard Henry Spilsbury, famoso patologista britânico, Montagu recebeu a informação de que, com algumas poucas exceções, qualquer pessoa que tivesse morrido de causas naturais poderia ser usada como uma pretensa vítima de um desastre aéreo no mar. Montagu e Cholmondeley começaram a procurar pelo corpo adequado, que deveria ser de um homem branco com idade entre 30 e 40 anos. No entanto, logo perceberam que isso seria mais difícil do que imaginavam. Investigações ostensivas poderiam despertar especulações e suspeitas desnecessárias e, pior ainda, era impossível dizer aos parentes do falecido para que propósito os militares precisavam de um corpo com tais características. Os parentes dos mortos geralmente não estavam dispostos a abandonar seus entes queridos por razões que não podiam ser explicadas devido à necessidade de sigilo absoluto. Montagu passaria um tempo considerável procurando cadáveres, muitos dos quais se revelaram totalmente inadequados para o estratagema. Por outro lado, Bernard Spilsbury, como especialista, garantiu que a condição do cadáver não desempenharia um papel muito importante, porque “os espanhóis, como católicos, não têm o hábito de segurar o corpo do falecido por muito tempo após a necropsia, se a causa da morte for determinada imediatamente”. A 28/01/1943, o legista do Distrito Norte de Londres, Bentley Purchase, informou que havia encontrado um cadáver que atendia aos requisitos exigidos. Um homem que havia sido levado ao Hospital St. Pancras, em Londres, em estado de

abandono, que foi encontrado envenenado, provavelmente como resultado de uma tentativa de suicídio. Enquanto a operação não era levada a cabo, o corpo foi preservado numa câmara frigorífica a 4°C – mais frio que isso e a carne congelaria, o que seria óbvio após o corpo ser descongelado. Purchase avisou Montagu e Cholmondeley que o corpo deveria ser usado dentro de três meses, após o que teria se decomposto além do ponto de utilidade.

Um contêiner especial foi projetado por Charles Fraser-Smith (o projetista dos dispositivos “Q” e inspiração para o personagem “Q” de James Bond) para o transporte do cadáver. Era construído com chapas de aço, de parede dupla, com lã de vidro entre as duas camadas. A tampa, também de parede dupla, ajustava-se sobre uma gaxeta de borracha para vedação e era presa com dezesseis parafusos sextavados. Havia uma chave de boca acorrentada à tampa e fixada em um suporte adequado durante o transporte. Havia um puxador em cada extremidade para facilitar o transporte, pois o contêiner pesaria ao todo cerca de 180 quilos.



O contêiner que transportou o “Major Martin”. A inscrição nele diz: “SPECIAL F.O.S. SHIPMENT”.

No dia da preparação do “Major Martin”, o cadáver foi retirado da geladeira, onde havia sido armazenado por um longo tempo, e foi cuidadosamente vestido com o uniforme de um oficial do Royal Marines. Para dar uma aparência usada ao uniforme, ele foi usado por Cholmondeley, que tinha quase a mesma constituição física. A única parte que não envolvia o uniforme era a roupa de baixo, que era escassa na Grã-Bretanha racionada pela guerra, portanto, uma cueca de lã de boa qualidade, de propriedade do falecido Herbert Fisher, o Diretor do New College, Oxford, foi usada. O mais problemático foi o calçado do “Major Martin”. Montagu e Cholmondeley tiveram que descongelar os pés de “Martin” com um aquecedor elétrico para poder calçar as suas botinas.

No sábado, 17/04/1943, às 18 horas, Montagu e Cholmondeley chegaram de caminhão ao necrotério para recolher o corpo. Ele teve os bolsos encheidos com documentos próprios, cartas pessoais e

pequenos itens e então foi transferido para o contêiner, que foi preenchido com gelo seco e selado. Quando o gelo seco sublimava, ele enchia o recipiente com dióxido de carbono e assim restringia todo o oxigênio, criando assim as condições para manter o corpo preservado.

O contêiner foi levado para uma van que, em seguida, rumou celeremente para Greenock, na Escócia, levando, além do ilustre passageiro, Montagu, Cholmondeley e John Ratcliffe Steward Horsfall, um famoso ex-piloto de corridas que agora trabalhava para o MI5.



Cholmondeley e Montagu diante da van, durante a viagem para Greenock.

Após dirigirem por toda a noite, chegaram a Greenock cedo na manhã do dia 18/04/1943, embora o submarino só estivesse previsto para partir no dia seguinte. O barco que levaria o “Major Martin” em sua viagem só de ida seria o HMS Seraph (P219), comandado pelo Tenente-Comandante Norman “Bill” Limbury Auchinleck Jewell. A escolha não havia sido aleatória. O Seraph, sob o comando de Jewell, havia levado o General Mark Clark e um grupo de oficiais americanos em uma viagem secreta à Argélia a 19/10/1942 e levava o General Henri Giraud da França de Vichy para Gibraltar a 07/11/1942.

O contêiner foi então levado até o submarino numa lancha. Montagu entregou o contêiner ao Tenente Jewell, que contou à sua tripulação que o contêiner continha um equipamento meteorológico secreto que seria instalado na costa espanhola.

O “Major Martin” Vai à Guerra

O HMS Seraph deixou o porto a 19/04/1943, com destino ao Mediterrâneo. Dias depois da partida, um avião da RAF atacou o submarino por engano, fazendo quase terminar a operação em desastre.

³ Salmo 38 na Bíblia católica.

⁴ Montagu guardou o outro remo como uma lembrança dessa aventura.

Antes do amanhecer do dia 30/04/1943, o submarino emergiu quando se encontrava a cerca de uma milha da costa espanhola próximo a Huelva. Às 4:15 h, o contêiner foi trazido ao convés. Feito isso, a tripulação recebeu ordem de regressar ao interior do submarino e os oficiais foram afinal informados sobre a operação real e juraram segredo (até então, apenas Jewell sabia da existência do “passageiro”). O contêiner foi aberto, o corpo do “Major Martin” foi removido, equipado com um colete salva-vidas Mae West e a pasta foi atada ao corpo. Ato contínuo, Jewell considerou adequado realizar um ato fúnebre e citou o Salmo 39³. Em seguida, o corpo foi gentilmente empurrado para o mar, a aproximadamente 1.600 metros de distância, deixando a maré carregá-lo para a praia. Eram 4:30 h. O próprio movimentar do submarino ajudou a que o corpo se deslocasse em direção à costa. A 800 metros ao Sul, foi jogado um bote de borracha emborcado ao mar, com apenas um remo⁴, para dar a impressão de um acidente de avião (essa parte da encenação foi inócua, pois o bote nunca apareceu – provavelmente algum pescador espanhol gostou do presente). O submarino seguiu viagem e, a uma profundidade adequada, lançou o contêiner ao mar, embora ele teimasse em não afundar, devido ao oxigênio acumulado nele. Foi necessário atirar nele com um revólver e uma metralhadora para que afundasse.

O corpo, ainda boiando há alguns metros da praia, foi encontrado por volta das 9:30 h por um pescador local chamado José Antonio Rey Maria, que o puxou para seu pequeno barco e remou de volta à costa, onde o entregou à polícia local em Huelva. O patologista espanhol Eduardo del Torno realizou um exame da causa da morte do oficial britânico e concluiu que quando o homem caiu no mar ele ainda estava vivo, não havendo hematomas em seu corpo dos quais ele pudesse morrer. A morte ocorreu como resultado de asfixia por imersão no mar e o corpo havia ficado na água de três a cinco dias. Nenhum exame mais detalhado foi realizado. A notícia da descoberta do oficial morto portando uma pasta logo chegou aos ouvidos de Adolf Clauss, o agente de inteligência alemão local. Informado por ele, o Major Karl-Erich Kuhlenthal, principal agente da Abwehr⁵ na Espanha, ficou extremamente interessado em conhecer o conteúdo da pasta e entrou em contato com seu amigo, o Coronel Jose López Barron Kerruti, integrante da polícia secreta espanhola e um fascista ferrenho. Então, ele ordenou ao Tenente-Coronel Ramon Pardo Suarez que recolhesse os documentos do “Major Martin” e os repassasse secretamente aos

⁵ Serviço militar alemão de inteligência, diretamente ligado ao OKW (*Oberkommando der Wehrmacht* = Alto Comando das Forças armadas).

colegas alemães. No dia 08/05/1943, Pardo levou a pasta (que havia sido entregue ao quartel-general naval em San Fernando a 05/05/1943) para a embaixada alemã e os entregou por uma hora a Wilhelm Leissner, chefe da inteligência alemã na Espanha. Os alemães cuidadosamente abriram a pasta e fotografaram todo o seu conteúdo. A embaixada imediatamente transmitiu pelo rádio o texto a Berlim e cópias em papel foram enviadas em poucos dias por correio diplomático. Os documentos foram considerados tão importantes pela Abwehr que Kühenthal levou as fotos pessoalmente para a Alemanha. Após a conclusão deste procedimento, todos os documentos foram cuidadosamente colocados novamente em seus envelopes originais – porém, sem o cílio que havia sido plantado.

Enquanto isso, o adido naval britânico na Espanha recebeu a informação de que a polícia espanhola estava com o corpo de um oficial britânico. Após três dias, o XX Comitê foi informado da descoberta do corpo.

O corpo do “Major Martin” foi entregue ao Vice-Cônsul britânico Francis K. Haselden no dia 02/05/1943. Ele foi sepultado dois dias depois no cemitério de *Nuestra Señora de la Soledad*, em Huelva, com todas as honras militares, numa cerimônia presidida pelo próprio Haselden.



A cerimônia de sepultamento do “Major Martin”. Ele recebeu flores enviadas pela sua suposta noiva e família.

Montagu fez questão de que o “Major Martin” fosse incluído na lista de baixas britânicas que era publicada regularmente pelo *Times*, o que foi feito a 04/06/1943. Por pura coincidência, os nomes de dois outros oficiais que morreram quando seu avião caiu no mar também foram publicados no mesmo dia, reforçando a plausibilidade da história do “Major Martin”.

⁶ Montagu ignorava tudo sobre a Ultra e não foi informado dessas interceptações.

Para reforçar a impressão de importância da correspondência, o Almirantado enviou vários telegramas urgentes ao adido naval em Madri solicitando os papéis que o “Major Martin” transportava. O adido foi instruído a encontrar esses documentos com urgência e, se estivessem com os espanhóis, que fossem devolvidos a qualquer custo, mas, em nenhum caso, deveria chamar a atenção das autoridades espanholas para a relevância da correspondência perdida.

ROYAL NAVY

The Board of Admiralty regrets to announce the following casualties which have been sustained in meeting the general hazards of war. Next-of-kin have been notified:—

OFFICERS

KILLED

A/Capt. Sir T. L. Beevor, Bt., R.N.; T/Lt. D. A. Burgass, R.N.V.R.; Lt. J. L. Fraser, R.N.V.R.; Lt. P. F. S. Gould, D.S.C., R.N.; T/Sub-Lt. (A) J. H. Hodgson, R.N.V.R.; T/Spb-Lt. (A) K. R. Joll, R.N.V.R.; Rear-Admiral P. J. Mack, D.S.O.; T/Lt. (A) G. Muttrie, R.N.V.R.; T/Lt. (A) G. Raynor, R.N.V.R.; T/Sub-Lt. J. N. Wishart, R.N.V.R.
ROYAL MARINES.—T/Capt. (A/Major) W. Martin.

DIED FROM WOUNDS OR INJURIES

T/Sub-Lt. (A) J. Hall, R.N.V.R.; T/Lt. A. G. D. Heyburne, R.N.V.R.

Notícia no jornal londrino *Times* de 04/06/1943 sobre a morte de um oficial dos Royal Marines, Capitão (atuando como Major) W. Martin.

A 13/05/1943, os espanhóis devolveram todos os papéis ao adido naval britânico, com a garantia de que “tudo estava em ordem”. Assim que os documentos chegaram a Londres, a 21/05/1943, eles foram examinados microscopicamente e os britânicos confirmaram que os papéis haviam sido manuseados e, presumivelmente, fotocopiados (também foi observada a ausência do cílio). No dia 14/05/1943, uma interceptação da Ultra em Bletchley Park⁶ confirmou que os alemães haviam considerado as informações legítimas e começavam a tomar providências para reforçar a Grécia.

Os alemães estudaram cuidadosamente os documentos. Apesar disso, deixaram passar um erro no relatório vindo da Espanha, em que apontava uma data como sendo 27/04/1943, quando na verdade era 22/04/1943 (lembramos que tudo foi feito com a data do “acidente” definida como sendo 24/04/1943). Felizmente para os britânicos, essa falha involuntária não foi levada em consideração. Ao comunicar a Churchill, que então estava nos

EUA, o êxito da operação, o Brigadeiro Leslie Hollis (secretário do Comitê de Chefes de Estado-Maior) informou textualmente: “Carne moída engolida com vara, linha e chumbada pelas pessoas certas e, pelas melhores informações, eles parecem estar agindo sobre isso”.

A Reação Alemã

Os serviços secretos alemães consideraram os documentos autênticos e, a 12/05/1943, as informações chegaram às mãos de Adolf Hitler. Ele já acreditava na hipótese de um ataque aliado à Grécia e as informações reforçaram a sua convicção. Para não deixar dúvidas aos alemães, houve uma crescente atividade dos *commandos* britânicos na Grécia.

Mas não era uma unanimidade.

Joseph Goebbels, o ministro da Propaganda do Reich, que era fluente em inglês, costumava ler o *Times* todos os dias. Ele anotou em seu diário pessoal que tinha dúvidas sobre a veracidade das informações, mas preferiu não falar abertamente com o *Führer*, pois sabia a sua opinião. Outro que não acreditou foi o ditador italiano, Benito Mussolini, que continuou acreditando que a Sicília seria o local mais provável de invasão e disse isso a Hitler, que não lhe deu ouvidos.

Os alemães reagiram com a costumeira determinação. As forças alemãs nos Bálcãs foram reforçadas de oito para dezoito divisões. Enviaram para a Grécia a 1ª Divisão Panzer, que tinha acabado de ser reconstituída na França; a 104ª Divisão Jäger, vinda da Sérvia; a 117ª Divisão Jäger, vinda da Croácia; e o 963º Regimento de Infantaria, vindo da Sicília. O 1º Grupo de Caça-minas (*R-Boot*) também foi transferido da Sicília para a Grécia, onde plantaram três campos de minas na costa. Navios italianos também foram desviados para o Mar Adriático, longe da Sicília. Mas talvez o indício mais significativo de que o logro realmente funcionara foi que o Marechal de Campo Erwin Rommel, a “Raposa do Deserto”, foi enviado para Atenas para comandar a defesa contra a invasão aliada⁷.

A Sardenha foi reforçada e, a 06/07/1943, foi atuada a 90ª Divisão *Panzergranadier* na ilha; os 183º e 184º Regimentos de Paraquedistas italianos e três baterias de artilharia pesada também foram enviados para lá. A Brigada *Reichsführer* SS foi enviada para a Córsega.

Em contrapartida, em julho, a 230ª Divisão Costeira italiana foi enviada para a Sicília, mas foi es-

tacionada na costa Oeste da ilha, onde se esperava pelos ataques “de cobertura” dos aliados, bem longe das praias reais a Sul e Sudeste. Também ali foram instalados campos de minas navais.



1ª Divisão Panzer desfilando com seus tanques novos pela Acrópole. A divisão permaneceu na Grécia até outubro de 1943.

Consequências

A 09/07/1943, os aliados desencadearam a Operação Husky, a invasão da Sicília. Os alemães, convencidos de que os principais golpes seriam infligidos à Sardenha e à Grécia, mantiveram forças consideráveis fora da ilha por mais dois dias. Apenas três dias após o desembarque, a 12/07/1943, o 3º Regimento da 1ª Divisão de Paraquedistas alemã recebeu ordens de se transferir para a ilha para enfrentar o 8º Exército Britânico.

A ilha foi conquistada a 17/08/1943, ao preço de cerca de 22.800 baixas, enquanto só os alemães tiveram perto de 28.000. Enquanto isso, as tropas alemãs esperaram em vão pela invasão da Grécia, que nunca aconteceu.

A 25/07/1943, alarmado com os reveses militares, o Grande Conselho Fascista e o Rei Vitor Emmanuel III destituíram Benito Mussolini do cargo de Primeiro-Ministro. Ele foi substituído pelo Marechal Pietro Badoglio, que secretamente iniciou negociações com os aliados para um armistício, o qual foi assinado a 03/09/1943, ao mesmo tempo em que ocorria o desembarque de forças britânicas no Sul da Itália.

O fracasso da Abwehr em não detectar a fraude do “Major Martin” teve sérias consequências para o serviço. Ele caiu em contínuo descrédito, que culminou na sua extinção a 18/02/1944. Suas funções passaram para o RSHA (*Reichssicherheitshauptamt* = Escritório Central de Segurança do Reich, órgão das SS). Seu chefe, o Almirante Wilhelm Franz Canaris, seria preso a 23/07/1944, após o

⁷ O Ministério do Exterior alemão comunicou oficialmente à Turquia que os movimentos de tropas alemãs na Grécia não representavam ameaça àquele país.

atentado contra Hitler, e executado a 09/04/1945. Durante a Operação Market-Garden, a ofensiva aeroterrestre na Holanda, em setembro de 1944 (quatorze meses após a invasão da Sicília), um oficial do Estado-Maior do 1º Corpo Aeroterrestre estava levando os planos completos da operação com ele em um planador que se acidentou, matando todos a bordo. Os alemães eventualmente encontraram o planador e os planos, mas, ainda traumatizados com o logro causado pela Operação Mincemeat, simplesmente se recusaram a acreditar na veracidade dos documentos.



Tropas britânicas desembarcam na Sicília.

Pelo pleno êxito da Operação Mincemeat, Ewen Montagu recebeu a distinção de oficial da Ordem do Império Britânico em 1944; Charles Cholmondeley tornou-se Membro da Ordem em 1948.

Avaliação

O que nem todo mundo sabe é que a Operação Mincemeat, apesar de todo o seu glamour, na verdade estava inserida em um plano muito maior, a Operação Barclay, que reuniu uma série de iniciativas de contrainformação em apoio à invasão da Sicília.

A operação tinha o propósito de levar as lideranças do Eixo a acreditar que o local da esperada invasão aliada no Mediterrâneo se realizaria na Grécia, desviando assim a atenção e recursos do alvo verdadeiro. O plano foi executado através do uso de falsas movimentações de tropas, tráfego de rádio, recrutamento de intérpretes gregos, aquisição de mapas e de dinheiro da Grécia, etc. Os aliados criaram um exército falso, o 12º Exército, no Leste do Mediterrâneo, que consistia de doze divisões

igualmente fictícias.

O plano foi bem-sucedido: o OKW identificou uma concentração muito maior de tropas aliadas no Mediterrâneo Oriental e permaneceu com esta convicção, o que foi de grande ajuda ao engodo.

De acordo com alguns especialistas, o sucesso desta operação salvou a vida de pelo menos 40.000 soldados aliados durante a Operação Husky.

Mas não foram apenas as ações dos aliados que levaram os alemães a subestimar a ameaça que pairava sobre a Sicília. Outros fatores também pesaram para que a campanha siciliana não fosse tão dura quanto era esperado que fosse⁸. Em primeiro lugar, o Mediterrâneo era, para os alemães, um teatro secundário – a guerra seria decidida no Leste e o único interesse dos alemães ali era apoiar seu aliado mais forte, ainda necessário para ocupar grandes extensões territoriais na Europa, liberando os alemães para lutar na Rússia.

No entanto, Hitler já estava perdendo a confiança nos italianos. Em maio de 1943, o OKW começou a elaborar planos para a ocupação da Itália e da Grécia no caso de uma defecção deles. Mesmo então, não se pensava em ocupar toda a península italiana, mas houve intensas discussões sobre a melhor estratégia a adotar, se defendendo uma linha ao Sul ou ao Norte de Roma. Isso revela que os alemães nunca tiveram intenção real de se bater pelo Sul da Itália e, muito menos, pela Sicília.

De fato, do ponto de vista alemão, uma invasão bem-sucedida dos Balcãs pelos aliados seria muito mais desastrosa para o Eixo do que a perda da Sicília e mesmo do Sul da Itália. De início, ela representaria uma grave ameaça à retaguarda do front russo. Também influenciaria os países da região (como Hungria e Romênia) a talvez mudarem de lado (como aconteceu no ano seguinte com a chegada dos soviéticos). Também poderia influenciar a Turquia a aderir ao lado aliado. Além disso, os Balcãs eram fonte de matérias-primas para a indústria de guerra alemã, incluindo petróleo, cobre, bauxita e cromo.

A preocupação alemã com os Balcãs era tão grande e tão válida que, a 17/07/1943, uma semana após o desembarque aliado na Sicília, Hitler informou ao Almirante Karl Dönitz, Comandante-em-Chefe da Marinha, que considerava que o próximo passo dos aliados seria uma invasão dos Balcãs.

No dia 15/09/1943 (com os aliados já na península italiana e a Itália fora da guerra), o comandante

⁸ Esperava-se que houvesse 10.000 baixas na primeira semana de combate, mas foram apenas 1.500; a Marinha esperava perder cerca de 300 navios, mas perdeu 12; esperava-se que a campanha durasse 90 dias, mas terminou após 38 dias de luta.

alemão ao Sul de Roma, Marechal Albert Kesselring, informou ao OKW que o próximo ataque dos aliados seria desencadeado contra os Balcãs e não numa marcha lenta e sangrenta para o Norte, na direção de Roma (que foi o que aconteceu).

Enfim, é lícito concluir que, por maior que fosse o sucesso da Operação Mincemeat, o fato é que ela foi de encontro a um pensamento estratégico lógico da parte dos alemães (não apenas de Hitler). Não seria leviano afirmar que, se fosse perguntado aos alemães onde eles preferiam que os aliados desembarcassem no verão de 1943, entre a Grécia e a Sicília, a resposta seria: Sicília.

Ainda assim, a ilha não havia sido deixada indefesa. Concentradas no 14º Corpo Panzer estavam a Divisão Panzer Hermann Göring (que, ironicamente, pertencia à Luftwaffe) e a 15ª Divisão *Panzergrenadier*, além da 4ª Divisão Motorizada Livorno, uma das melhores divisões do Exército italiano. No entanto, o dispositivo do Eixo estava organizado de forma a enfrentar uma invasão na costa Oeste, o que fez com que a reação aos desembarques reais fosse tardia. Uma vez que a invasão aliada se tornou uma realidade e não havia como expulsar os anglo-americanos para o mar, as forças italo-germânicas realizaram uma batalha de retardamento, recuando paulatinamente para o canto Nordeste da ilha até o porto de Messina, de onde escaparam para a Itália. Longe de “lutar até o último homem”, aos alemães interessava muito mais preservar seus meios para a luta que inevitavelmente teria a Itália como palco.

Quem Foi o Homem que Nunca Existiu?

Em 1953, Montagu publicou o seu livro de memórias sobre a operação, “The Man Who Never Was”⁹, nome pelo qual a história ficaria célebre nas décadas seguintes. Ele havia recebido autorização para escrever o livro, porém, com uma série de restrições sobre pontos que ainda não podiam ser divulgados, inclusive a respeito de pessoas que ainda estavam em serviço na época (Cholmondeley, por exemplo, virou “George”). Em 1956, o livro foi levado às telas dos cinemas com o mesmo título do livro, tendo Clifton Webb e Gloria Grahame no elenco.

Entre as muitas coisas que Montagu não podia mencionar em seu livro estava a verdadeira identidade do corpo deixado na costa espanhola. Montagu declara que deu a sua palavra à família de que a identidade verdadeira dele nunca seria revelada, o que sabemos hoje ser uma grande mentira. Passadas várias décadas da operação, iniciaram-se as especulações acerca da sua verdadeira

identidade. Em 1996, Roger Morgan, um historiador amador de Londres, descobriu evidências no Registro Público sobre a verdadeira identidade do cadáver. Depois de 16 anos de investigação, ele publicou um livro onde afirmava que o corpo do homem que foi usado na Operação Mincemeat correspondia a Glyndwr Michael, um vagabundo alcoólatra, filho de pais já falecidos (seu pai havia morrido de tuberculose quando Michael tinha 15 ou 16 anos e sua mãe morreu a 15/01/1940), natural da cidade mineira de Aberbargoed, no País de Gales, rejeitado para o serviço militar e que não tinha feito nada de positivo ao longo da sua vida. Ele foi encontrado ainda com vida a 26/01/1943 em um armazém abandonado perto da estação Kings Cross, em Londres, de onde foi levado para o Hospital St. Pancras com um diagnóstico de envenenamento químico agudo.



O túmulo do “Major Martin”, com a inscrição indicando que se trata de Glyndwr Michael.

Ele havia se mudado do País de Gales para Londres, mas não encontrou trabalho e estava sem teto. Sozinho no mundo, Michael afundou lentamente em uma depressão profunda, o que levantou a hipótese de suicídio. No entanto, acredita-se que o envenenamento tenha sido acidental, pois durante todo o tempo em que passou fome, Michael comia sobras de pão que encontrava e esses estariam com veneno para matar ratos, à base de fósforo branco. A 28 de janeiro de 1943, Mi-

⁹ No Brasil, “O Homem Que Nunca Existiu”, Biblioteca do Exército Editora, 1978.

chael morreu, mas ele conseguiu dizer às enfermeiras quem ele era e que havia comido pão. Seu corpo foi levado ao necrotério, onde o cadáver foi guardado na geladeira enquanto a operação era preparada.

Um aspecto pouco observado é que o nome do pai fictício do “Major Martin” era John Glyndwyr Martin, ou seja, um “y” foi acrescentado ao nome verdadeiro do falecido.

Coincidentemente, em 1996, um memorando secreto e um relatório oficial, ambos de autoria do próprio Montagu, foram desclassificados e formalmente identificavam Glyndwr Michael como o corpo usado na Operação Mincemeat.

Em janeiro de 1998, a Comissão de Enterros Militares da *Commonwealth* decidiu adicionar à lápide do “Major Martin”, no cemitério de Huelva, a inscrição “Glyndwr Michael, serviu como Major William Martin, RM”.

Contudo, longe de encerrar as especulações, elas recrudesceram, pois havia algo de errado nessa versão. Na verdade, havia várias inconsistências. Para começar, Glyndwr Michael teria morrido por ingestão de veneno de rato à base de fósforo. Uma necrópsia superficial realizada na Espanha teria identificado danos no fígado e em outros órgãos, o que não seria compatível com morte por afogamento ou por desastre aéreo.

Outra das questões levantadas seria de ordem de aspecto geral do corpo. Um alcoólatra indigente subnutrido teria um aspecto geral (incluindo a dentição) muito diferente do esperado de um saudável e elegante oficial “especialista em operações anfíbias”, membro do Quartel-General das Operações Combinadas e homem de confiança de Lorde Louis Mountbatten.

Colin Gibbon, um policial aposentado, também resolveu bancar o caçador de mistérios e chegou a algumas conclusões interessantes. Ele concluiu que a estória de Glyndwr Michael era impraticável, pois seu corpo teria sido supostamente adquirido em fins de janeiro de 1943, enquanto a operação só ocorreria no final de abril (lembramos que o corpo só poderia ser utilizado em, no máximo, três meses). Mesmo o congelamento do corpo teria resultado em sinais facilmente detectáveis de que ele não havia morrido recentemente por afogamento, conforme exigido pela missão, o que teria destruído a sua credibilidade e o tornado inútil. Fotografias fornecidas por Montagu em seu livro também indicam que o cadáver estava em más condições e seria improvável ser tomado como o de um oficial do Royal Marine, mesmo após o afogamento.

Alega-se que os espanhóis não realizaram de fato uma necrópsia detalhada, em parte pela óbvia pressunção do afogamento, em parte pelo respeito ao

cadáver de um católico. O problema desse argumento é que a equipe de Montagu não podia contar com isso. Eles tinham que oferecer um cadáver na suposição de que ele seria autopsiado e não podiam correr o risco de um legista mais atento descobrir a farsa.

Entre os documentos desclassificados em 1996 relacionados à Operação Mincemeat está um memorando “ultrassecreto” escrito por Ewen Montagu, relatando uma conversa com Bentley Purchase, o legista que forneceu o corpo. Ele teria sido escrito depois que o corpo foi enterrado na Espanha. Uma vez que a operação estava em andamento, a equipe de Montagu começou a temer que o corpo pudesse ser exumado pelos alemães e submetido a uma nova necrópsia, que poderia revelar que o “Major Martin” não havia morrido após um acidente aéreo no mar, mas envenenado. A argumentação de Purchase teria sido a seguinte: “Michael havia tomado uma dose mínima de um veneno de rato contendo fósforo. Esta dose não seria suficiente para matá-lo de uma vez e seu único efeito foi prejudicar o funcionamento do fígado, o que o levou à morte pouco tempo depois. Além da pequenez da dose, o próximo ponto é que o fósforo não é um dos venenos facilmente rastreáveis após longos períodos, como o arsênico, que invade as raízes do cabelo”. Portanto, se os responsáveis pela Operação Mincemeat estavam preocupados com a detecção do veneno no corpo, era óbvio que ele realmente pertencia a Glyndwr Michael. Certo?

Errado. Montagu sabia perfeitamente que os alemães não poderiam fazer a exumação do corpo em nenhuma hipótese, a menos que fosse por meios ilegais, o que só se justificaria se eles desconfiassem da farsa, o que parece que nunca ocorreu seriamente (lembramos que o corpo ficou em poder dos espanhóis de 30/04/1943 a 02/05/1943, ou seja, houve tempo para que os alemães fizessem o que quisessem – se realmente quisessem). Montagu era um oficial da Inteligência britânica, perito em informação e contrainformação. Este memorando poderia se destinar a despistar quem por acaso estivesse procurando a verdade. Lembramos que Montagu faleceu a 19/07/1985 e, portanto, não estava mais entre nós em 1996.

A discussão sobre se Glyndwr Michael era realmente o “Homem Que Nunca Existiu” tem muitos argumentos válidos e interessantes, mas nenhum deles consegue responder a uma única pergunta: Montagu se arriscaria a usar um corpo menos que perfeito numa operação tão importante? Tendo em vista o nível de detalhamento demonstrado até aqui, na minha opinião, a resposta é não.

A única certeza aparentemente inquestionável é que o corpo de Glyndwr Michael realmente caiu nas mãos do pessoal do XX Comitê. Mas se este

é o mesmo corpo enterrado na Espanha, essa é outra questão.

John “Jack” Melville

O porta-aviões de escolta HMS Dasher havia sido construído originalmente para ser um navio de passageiros e carga e teve a quilha batida nos EUA a 14/03/1940¹⁰. Pouco depois, a 20/05/1941, ele foi requisitado pela US Navy para ser convertido em porta-aviões de escolta. A 02/07/1942, ele foi transferido para a Royal Navy, sendo comissionado HMS Dasher (D37). A 24/03/1943, o Dasher iniciou uma série de treinamentos no estuário do rio Clyde, sob o comando de seu novo comandante, o Capitão Lennox Albert Knox Boswell. No sábado, 27/03/1943, pouco depois do Dasher encerrar os treinamentos de pouso e decolagem do dia, uma tremenda explosão sacudiu violentamente o navio. Incêndios tomaram conta do Dasher e ele teve que ser abandonado. Ele afundou de popa em cinco minutos e muitos homens morreram devido à queima de óleo combustível e que-rosene de aviação e à hipotermia nas águas geladas do rio Clyde. Dos 528 homens da tripulação, 379 pereceram.



HMS Dasher, julho de 1942.

O governo, ansioso para impedir que o moral fosse afetado pela tragédia e para evitar qualquer sugestão de construção americana defeituosa, tentou encobrir o naufrágio. A mídia local foi advertida a não fazer referência ao sinistro e as autoridades ordenaram que os mortos fossem enterrados em valas comuns em Ardrossan e Greenock, sem identificações, mas com todas as honras militares. Parentes furiosos protestaram e alguns dos mortos foram devolvidos a seus entes queridos para o devido sepultamento. Os sobreviventes receberam ordens de não falar sobre o assunto. Somente em 1945, o público britânico foi informado da tragédia do Dasher, o que motivou muitas especulações. Concluiu-se que a causa havia sido uma explosão acidental de combustível de aviação.

¹⁰ Seu nome seria Rio de Janeiro e no seu lançamento ao mar, a 12/04/1941, ele foi batizado por Alzira do Amiral Peixoto, filha do então Presidente do Brasil, Getúlio Vargas.

Em 2002, John e Noreen Steele publicaram “The Secrets of HMS Dasher” (Os Segredos do HMS Dasher). Nele, os Steele argumentam que o corpo do “Major Martin” era, na verdade, o do marinheiro John “Jack” Melville, de 37 anos, uma das vítimas do Dasher.

Gibbon também chegou à conclusão de que o corpo usado na Operação Mince meat era de uma vítima do HMS Dasher, mas ele se deixou levar pela obviedade do nome e elegeu Tom Joseph Martin, sepultado em Ardrossan. Ajudou nesse raciocínio uma pista deixada por Montagu em seu romance ficcional de 1977 “Beyond Top Secret U”. No livro, ele menciona um amigo chamado Tom Martin – que nunca foi identificado.

O fato é que o afundamento do HMS Dasher coincidiu com a época em que a Operação Mince meat estava entrando na fase de execução. Parece irresistível conjecturar que Montagu, tendo nas mãos um cadáver putrefato de um homem que morreu do jeito errado, ficaria tentado a fazer uma simples troca: sepultar Glyndwr Michael na Escócia e usar um cadáver “fresquinho” de um homem que havia realmente morrido afogado. Só precisava se parecer com a foto na identidade do “Major Martin”, que certamente já estava pronta.

Como poderíamos verificar essa hipótese? Se Montagu fosse até a Escócia isso seria um bom indício? Pois foi exatamente isso que aconteceu. A 17/04/1943, lembremos que Montagu, Cholmondeley e Horsfall se dirigiram celeremente de van para Greenock, partindo de Londres, numa viagem de mais de 580 quilômetros, à noite, por estradas em blackout, chegando com um dia de antecedência à partida do HMS Seraph. Um detalhe interessante é que Montagu, em seu livro, detalha o dia (17/04/1943) e a hora (18:00 h) em que ele chega ao necrotério para pegar o corpo, mas não informa o dia em que ele efetivamente preparou o corpo, apesar de descrever o procedimento em detalhes. Eles estariam transportando o corpo do “Major Martin”, mas a questão é: por que eles levaram o corpo para a Escócia? O submarino anteriormente estava ancorado em Blyth, no Norte da Inglaterra, tendo então que contornar o Norte da Escócia para chegar a Greenock. Por que ele não ficou em Blyth ou foi para outro porto mais próximo de Londres, facilitando o transporte do contêiner? A transferência do submarino para o Mediterrâneo havia sido adiada em duas semanas devido aos preparativos da operação, então não seria por uma questão de tempo que ele não poderia fazer essa viagem.

Resta a ideia de que o verdadeiro corpo foi recolhido lá, e não numa geladeira em Londres.

No filme “O Homem Que Nunca Existiu”, é dito que o cadáver era de um escocês. O filme é baseado no livro de Montagu, mas, nele, não é citada a nacionalidade do defunto. Então, de onde o roteirista Nigel Balchin tirou essa informação? Só para lembrar, o próprio Montagu participou dessa produção. Seria uma dica?

Além disso, em seu livro “The Man Who Never Was”, Montagu diz que o “Major Martin” havia morrido de pneumonia. Nem Glyndwr Michael, nem Tom Martin, nem John Melville morreram assim. Então Montagu mentiu (não podia admitir que o corpo era de um homem envenenado?) ou não é nenhum deles.

A 08/10/2004, um serviço memorial foi realizado a bordo do novo HMS Dasher (P280), um navio de patrulha em serviço em Chipre. O memorial foi em homenagem a John Melville e o Tenente-Comandante Mark Hill, comandante da Esquadra de Chipre, fez a seguinte declaração: “Em sua encarnação como Major Martin, a memória de John Melville vive no filme “O Homem Que Nunca Existiu”. Mas estamos reunidos aqui hoje para lembrar John Melville como um homem que certamente existiu”. Dennis Barnes, porta-voz das Forças Britânicas em Chipre, declarou: “Este foi sem dúvida o primeiro tributo da Marinha Real a John Melville, o homem que nunca existiu”.

Mais uma vez, a polêmica se reacendeu. A 17/01/2005, o *The Sunday Times* informou que “Funcionários do Ministério da Defesa agora dizem que a tripulação do novo HMS Dasher recebeu informações erradas antes do serviço fúnebre e que a verdadeira identidade do cadáver era Glyndwr Michael, um galês sem-teto”.

Em 2006, o Quartel-General da Frota da Marinha Real (*Royal Navy Fleet Headquarters*), em Portsmouth, confirmou em uma carta que o “Homem Que Nunca Existiu” era, na verdade, John Melville. Em outubro de 2009, o Professor Emérito de História Moderna e Contemporânea na Universidade de Cambridge, Christopher Andrew, publicou o artigo “Mincemeat Revisitado”, confirmando de uma vez por todas a identidade do “Homem Que Nunca Existiu” como sendo Glyndwr Michael.

A 22/01/2010, o *Naval Historical Branch*, em resposta a um questionamento formal, respondeu categoricamente (D/NHB/25/56) da seguinte forma: “No que diz respeito à Marinha Real e ao Ministério da Defesa, o corpo usado na Operação Mincemeat foi o de Glyndwr Michael, conforme descrito nos arquivos agora no Arquivo Nacional de Kew. No que diz respeito ao serviço memorial realizado a bordo do atual HMS Dasher em outubro de 2004, deve ser enfatizado que, apesar da ênfase da mídia em uma possível conexão ao “Homem que Nunca Existiu”, este foi um memorial perfeitamente adequado para aqueles perdidos no navio anterior com aquele nome... As declarações... conforme relatadas com precisão no *The Scotsman*, surgiram por meio de informações fornecidas localmente e nas quais acreditaram de boa-fé. Infelizmente, as declarações não foram encaminhadas a este escritório para uma opinião.”

Desde então, a Marinha Real e o Ministério da Defesa têm repetidamente afirmado que houve um equívoco no reconhecimento do corpo como sendo o de John Melville e sua posição oficial hoje é de que “O Homem Que Nunca Existiu” era mesmo Glyndwr Michael.

Resta então perguntar: por que não fazem logo um teste de DNA para encerrar definitivamente essa questão?

Por que? Obviamente, só se pode especular. Mas é fácil imaginar que, uma vez que o corpo de John Melville teria sido usado sem o consentimento (ou conhecimento) da família, isso se revestiria de uma falta gravíssima de homens que hoje são tidos como heróis. Glyndwr Michael, ao contrário, não tinha parentes conhecidos e era um vagabundo alçado na morte à aura de herói, uma imagem muito mais interessante midiaticamente falando.

E, atualmente, vivemos num mundo em que a verdade é apenas um detalhe irrelevante.

THE SCOTSMAN Wednesday, 13 October 2004

Tribute to man who never was

MEMORIAL
His death helped save 30,000 Allies now his role is recognised at last

MIKE THEODOULOU



John Melville with his wife Emma and his daughter Isabel in 1943 shortly before his death

However, a book, *The Secret of HMS Dasher* which was published in August, revealed that the body was in fact Major Melville.

Mr Melville had perished aged 27 when the converted aircraft carrier HMS Dasher was sunk on the Gulf Stream in 1943. At the time it was believed his body had been brought ashore at Ardara on the French coast and buried in one of the local cemeteries.

What his grieving family did not realise was that his remains had been wrapped up in a leather briefcase attached to a parachute.

Mr Melville's body was given a fictitious identity, Major William Martin. Intelligence sources were kept in the dark as to Martin's real name and one even produced a photograph of him to a witness.

The boat worked its way back to the British coast, where it was recovered by a submarine. "Mincemeat" was the code name for the German defence force intended for Sicily were diverted to Crete, leading to the fall of the island.

Friday's memorial service was held on board the current HMS Dasher, a patrol boat, in the waters around a British secret base in Cyprus.

David Bates, a spokesman for the British base in Cyprus, said: "This was undoubtedly the first time John Melville, the man who never was."

Lieutenant Commander Mark Hill, commanding officer of HMS Dasher, said: "It is a privilege to have today to remember John Melville as a man who never was."

Detalhe da publicação no jornal *The Scotsman*, de 13/10/2004.

Entre os presentes estava Isabel Mackay, a filha de John Melville. Ela viajou de Galashiels, na Escócia, para Chipre para assistir a um serviço memorial dedicado a seu pai. Ela diria depois ao jornal *The Scotsman*: “Eu me sinto muito honrada se meu pai salvou 30.000 vidas aliadas.”